

## Crise política e financeira



Contestação ao FMI já se vê em murais de Lisboa

LEONARDO NEIRO-GLOBAL IMAGES

# Se Bruxelas não arrepiar caminho é o fim do euro

**Negociação.** Economistas defendem condições mais brandas no empréstimo a Portugal

EDUARDA FROMMHOLD

Se Bruxelas não abrandar a sua posição sobre as condições do empréstimo a Portugal, aceitando juros mais baixos e prazo de pagamento mais longo do que os concedidos à Grécia e à Irlanda, como defende o FMI, poderá estar a ditar o fim do euro e a pôr em risco a própria União Europeia, receia o economista João César das Neves.

O professor da Universidade Católica reconhece que a questão não vai ser fácil de resolver, mas não o surpreende que as negociações em curso para a ajuda financeira a Portugal estejam a criar divisões entre a Comissão Europeia e o FMI.

"Existe uma diferença fundamental entre as duas instituições: enquanto a Europa está presa a um problema político, para o FMI a questão é financeira, dar condições para que o País consiga pagar o que deve", explicou ao DN. Para permitir que Portugal tenha juros mais favoráveis do que a Grécia

(5,3%) e a Irlanda (5,8%), a Comissão Europeia vai ter de enfrentar uma forte oposição, não só destes dois países como dos restantes, principalmente os do Norte da Europa e a Alemanha, que contribui com quase um terço do Fundo Europeu de Estabilização Financeira (FEFF).

É cada vez maior o coro de contribuintes contra as ajudas aos países em dificuldades e "receia-se que, se as taxas forem baixas, mais países vão atrás [do recurso ao resgate financeiro pelos outros Estados]", acrescentou César das Neves. Mas o FMI "tem mais agilidade e

já mostrou competência técnica para analisar cada caso". Na Grécia e na Irlanda a solução adoptada "não está a funcionar, e, embora a situação de Portugal não seja tão grave, se não nos forem dadas condições mais favoráveis arriscamo-nos à falência", afirmou o economista, para quem a Europa

"anda a brincar com o fogo". Isto porque, se o problema ficar confinado a Portugal, "são apenas trocos, mas se a seguir os mercados se virarem para Espanha e outros países, a dimensão é outra".

Também Luís Nazaré, ouvido pela Lusa, considera que o FMI "já passou por muitas crises em muitas latitudes, pelo que aprendeu a ser moderado nas intervenções,

César das Neves diz que a Europa anda a brincar com o fogo

percebendo que não se consegue nada com práticas sanguinárias". Sublinha, por outro lado, que o director-geral da instituição mundial, Dominique Strauss-Kahn, "é uma pessoa com uma personalidade mais sensível às questões sociais", enquanto "na Europa há hoje um forte cunho de direita, nalguns casos com governos populistas".

Para este economista, "Strauss-Kahn está mais próximo de Jacques Delors [que presidiu à Comissão Europeia entre 1985 e 1995

e deu um forte impulso ao processo de integração europeia] do que da Europa egoísta da senhora Merkel". Luís Nazaré considera, aliás, que "tem havido um défice de visão europeia" e que "os papéis [da Europa e do FMI] acabam por estar invertidos".

O professor da Universidade do Minho Manuel Caldeira Cabral pensa de forma semelhante e vai mesmo mais longe: "há algumas coisas em que o Atlântico está hoje invertido", com a Europa a assumir uma postura mais conservadora, ao passo que os Estados Unidos seguem uma política mais expansionista.

Na sua opinião, é do interesse de todos que seja implementada "uma solução de médio e longo prazo, justa e equilibrada para Portugal", porque "uma intervenção demasiado dura não resulta". É alerta para o perigo de contágio a outros países, como a Espanha, a Itália, ou a Bélgica, caso o resgate financeiro a Portugal não seja bem sucedido, o que seria fatal para a Zona Euro e a União Europeia.

### REACÇÕES



JOÃO DUQUE  
PRESIDENTE  
DO ISEG

“

*Fiquei um pouco surpreendido. Mas parece-me mais adequado o plano do FMI do que a proposta da Comissão Europeia"*



CALDEIRA  
CABRAL  
PROFESSOR NA  
UNIV. DO MINHO

“

*Uma intervenção demasiado dura não resulta. Acho que a renegociação das condições dadas à Grécia e à Irlanda é um bom sinal"*



LUÍS NAZARÉ  
PROFESSOR  
NO ISEG

“

*Há um cunho conservador e populista nalguns governos que pode ser visto como uma marca egoísta contra uma visão e política solidárias"*